**Dr. David Turner, Matthew   
Aula 12B – Mateus 28: A Ressurreição de Jesus e a Missão da Igreja**

Bem-vindos à aula 12b de Matthew. Aqui é David Turner. Obrigado por perseverarem nesta aula e por virem até esta última aula.

Minha oração é para que Deus use tudo o que fizemos aqui de uma forma que comece a prepará-lo para um estudo mais aprofundado deste livro e que Deus abençoe seu ministério enquanto você continua a pregar e ensinar este livro e a estudá-lo com mais cuidado. Nosso estudo de Mateus 28 tem três seções principais. Primeiro, examinaremos 28.1-10, a ressurreição de Jesus.

Em segundo lugar, o relato dos guardas aos principais oficiais judeus sobre a ressurreição em 28:11-15. E, finalmente, nos deteremos bastante na Grande Comissão em 28:16-20. Primeiro, o relato da ressurreição de nosso Senhor em 28:1-10. A ressurreição de Jesus é anunciada, não explicada. O foco central de 28:1-10 é o túmulo vazio revelado por um anjo, cuja remoção da pedra causou um terremoto. Então, o anjo mostrou às duas mulheres que seu mestre crucificado não estava mais sepultado onde o tinham visto sepultar na sexta-feira à noite, de acordo com 27:61. O significado do anjo glorioso e do túmulo vazio para os guardas é tão avassalador que eles desmaiam.

Para as mulheres fiéis, o significado é que Jesus é de fato o Messias e que elas não precisam mais lamentá-lo, mas sim contar aos seus discípulos que ele ressuscitou. Na verdade, há oito testemunhas da ressurreição nesta passagem. A primeira é o Pai, cuja atividade milagrosa é o pressuposto de tudo o mais e que é o agente implícito de todos os verbos passivos que afirmam que Jesus ressuscitará a partir de 16:22.

A segunda testemunha é o terremoto, que prenuncia um evento apócrifo, 28.2. A terceira testemunha é o anjo glorioso que de fato faz o anúncio em 28.6. A quarta testemunha é o próprio túmulo vazio, que não diz nada, mas significa tudo, 28.6b. A quinta testemunha é a mulher fiel que se apressou a anunciar a ressurreição aos discípulos em 28.8. A sexta testemunha é o próprio Jesus, que encontra as mulheres em seu caminho e reitera que encontrará os discípulos na Galileia. A sétima testemunha são os guardas que recuperam a consciência e contam aos principais sacerdotes o que aconteceu, 28.11. E então, finalmente, a oitava testemunha são os líderes religiosos cuja conspiração para negar a ressurreição é ironicamente um testemunho indireto de que ela é verdadeira. E quanto à teologia da ressurreição? Embora frequentemente relegada ao Domingo de Páscoa, a ressurreição de Jesus é o cerne do evangelho cristão.

Sem a ressurreição, o ministério de Jesus termina com uma nota triste e patética, mas tudo muda se ele não estiver aqui. Ele ressuscitou dos mortos, exatamente como predisse que aconteceria, 28:6. A ressurreição, portanto, não é apenas o clímax da narrativa da paixão de Mateus, mas é o cerne da própria redenção. Pode ser útil lembrar que a ressurreição de Jesus é o pré-requisito necessário, a condição sine qua non, de vários temas da teologia de Mateus.

Sem a ressurreição de Jesus, não haveria Salvador, pois Jesus teria sido um mentiroso iludido em vez de um Senhor exaltado. Ele havia predito diversas vezes que ressuscitaria dos mortos. Se não ressuscitasse, seria digno apenas de piedade, não de fé e obediência.

Sem a ressurreição de Jesus, não haveria salvação, pois a missão de Jesus de salvar seu povo dos pecados teria chegado a um fim ignominioso: uma pessoa amaldiçoada pendurada num madeiro, Deuteronômio 21:22 e 23, e Gálatas 3:13. Jesus não beberia o vinho novo que representava seu sangue redentor no reino do Pai com seus discípulos. O sangue da nova aliança teria sido derramado em vão, 26:27 a 29. Sem a ressurreição de Jesus, não haveria fundamento apostólico para a igreja, pois foi a ressurreição de Jesus que transformou os desertores de volta em discípulos, em 26:31 e 32.

O que poderia ter trazido os discípulos dispersos de volta ao rebanho, exceto a mensagem inacreditável, porém verdadeira, trazida a eles pelas duas mulheres, em 28, 7 e 10? Sobre o que Jesus teria edificado sua igreja se Pedro e seus companheiros discípulos tivessem permanecido desertores e negadores? Sem a ressurreição de Jesus, não haveria modelo de vida sacrificial em vez de vida egoísta. Jesus ensinou a seus discípulos o oxímoro de uma vida crucificada, convencendo-os de que a vida verdadeiramente abundante é a vida morta para o interesse próprio, e que a vida verdadeiramente miserável é a vida vivida para o interesse próprio. Mas esse modelo é incompleto se o sofrimento de Jesus não terminar em glória e se sua cruz nunca for substituída pela coroa.

Voltando em seus ensinamentos aqui para 10:38, 39, 16:24, 26, 20:26, 28, 23:12, e vamos adicionar Paulo em Romanos 6:1 a 11 para completar. Sem a ressurreição de Jesus, não haveria retificação de todos os erros cometidos na Terra desde a queda da humanidade em Gênesis 3. O sangue dos mártires clamaria por toda a eternidade sem vindicação, 23:35. Compare Apocalipse 6:9 a 11.

Aqueles que praticaram o mal e a violência contra seus semelhantes jamais prestariam contas, e não haveria justiça, 13:37 a 42, Daniel 12:2. A ressurreição garante o julgamento final de toda a humanidade, 13:37 a 42, 16:27, 25:31, e compare com Daniel 12:2 e Atos 17:31. Sem a ressurreição, Satanás venceria. Sem a ressurreição de Jesus, não haveria ressurreição nem recompensa para o seu povo, 27:51 a 53.

No cerne do ensinamento ético de Jesus está a promessa escatológica do reino vindouro, 4:17. Esse reino torna-se o foco da esperança e dos valores dos discípulos, 6:10 e 6:33. Mas como o reino poderia vir à Terra se fosse lançado ou permanecesse na sepultura? Se Jesus permanecesse na sepultura, não poderia ser exaltado para se sentar em seu trono, e com seu trono desocupado, o que seria dos doze tronos prometidos aos seus apóstolos e das recompensas que ele prometeu a todos os que deixassem o que este mundo tem a oferecer por amor ao seu nome? Veja 6:19 a 21, 13:43, 19:27 a 29, e compare Daniel 12:3, Apocalipse 2:26, 27 e 3:21.

Bem, para resumir, sem a ressurreição de Jesus, não haveria nada. Portanto, aqueles que desejam comunicar as boas novas de Jesus, o Messias, devem certificar-se de enfatizar a ressurreição de Jesus como a explicação essencial do significado de sua morte. Tentativas de comunicar o evangelho de maneiras que atraiam a atenção e a compreensão dos perdidos são louváveis, mas não se tal encapsulamento resultar em truncamento.

Qualquer chamado evangelho que não inclua um foco na ressurreição de Jesus não é a mensagem autêntica de Jesus e dos apóstolos. Agora, o relato dos guardas em 28:11 a 15. Nesta passagem, os soldados que guardavam o túmulo de Jesus tornam-se evangelistas da ressurreição de Jesus.

Que reviravolta! Anteriormente, os líderes alegaram precisar de guardas por medo de que uma farsa de ressurreição pudesse ocorrer. Mas esses mesmos guardas relatam que uma ressurreição genuína ocorreu. Os líderes se enganaram, já que os mesmos guardas que eles contrataram para evitar um problema em potencial agora podem testemunhar um problema real.

Agora, uma farsa precisa ser inventada, e o dinheiro precisa mudar de mãos para garantir que todos entendam a história. As mentes dos líderes judeus já estão formadas sobre Jesus e não querem ser confundidas pelo fato de sua ressurreição. Isso intensifica sua culpa.

Talvez eles realmente acreditassem que os discípulos haviam aproveitado a ocasião de um terremoto para roubar o corpo, mas muito provavelmente inventaram a história com pleno conhecimento de que era mentira. Eles acusaram Jesus de ser um enganador em 27:63 e 64, mas agora são eles que deliberadamente enganam as pessoas sobre Jesus. Eles se recusaram a crer em Jesus como o intérprete supremo de Moisés e dos profetas, e agora não serão persuadidos quando alguém ressuscitar dentre os mortos.

16:31, de Lucas. No entanto, nunca se deve ser pessimista quanto ao poder transformador do evangelho de Cristo. Atos fala de milhares de convertidos em Jerusalém, 24:1 e 44, muitos dos quais eram sacerdotes, segundo Atos 6:7. Quem sabe? Talvez a mentalidade dessas pessoas mudasse no futuro em relação a Jesus.

Nenhuma das explicações alternativas para a ressurreição de Jesus esclarece satisfatoriamente o que está registrado aqui. A explicação de que os discípulos roubaram o corpo é patentemente falsa, e outras teorias não são melhores. Alguns teorizaram que as mulheres visitaram o túmulo errado, ou que Jesus na cruz simplesmente desmaiou e depois ressuscitou, ou que havia tanta ilusão por parte dos discípulos que eles tiveram uma alucinação coletiva, e todos pensaram ter visto Jesus.

Somente por uma consideração a priori de uma cosmovisão, que descarta eventos sobrenaturais de antemão, é possível descartar completamente esse relato da ressurreição de Jesus. Faz muito mais sentido do que qualquer uma dessas alternativas. Por fim, para concluir nossa discussão sobre Mateus, o tratamento dado à Grande Comissão de Jesus.

Primeiro, vamos falar sobre 28:16 e 17 e como eles preparam o cenário para a Grande Comissão. Esses versículos preparam o cenário para a Grande Comissão ao explicar o encontro na Galileia que Jesus teria com seus discípulos. Esse encontro é apropriado, visto que os discípulos são galileus nativos e normalmente retornariam para casa, na Galileia, após a peregrinação a Jerusalém para a Páscoa e a Festa dos Pães Asmos.

Dada a associação anterior da Galileia com os gentios, veja 4:14 a 16; é apropriado que um mandato para a missão a todas as nações seja dado aqui. Os discípulos, agora apenas 11, obedecem à instrução do Senhor e viajam para uma montanha sem nome, até então não mencionada, que Jesus evidentemente havia designado em algum momento, 28:10. O nome da montanha não é importante, mas o fato de Jesus encontrá-los em uma montanha lembra o leitor da entrega da Torá no Monte Sinai, bem como das experiências anteriores na montanha em Mateus.

Em 28:17, a preparação para a comissão continua. Quando os discípulos veem Jesus pela primeira vez, assim como as duas mulheres fiéis, eles o adoram; no entanto, há dúvida. A palavra traduzida como "duvidou" aqui ocorre anteriormente, em 1431, para descrever a pouca fé de Pedro em duvidar enquanto caminhava sobre as águas e via o vento.

A palavra pode ser traduzida como hesitado ou vacilou, e Blomberg, por exemplo, argumenta que ela não se refere tanto à incredulidade, mas sim à falta de adoração espontânea. Mas isso está longe de ser claro, visto que a única outra vez em que a palavra é usada em Mateus 14:31, ela está intimamente relacionada a esse tema familiar da pouca fé. É surpreendente se a resposta dos discípulos foi hesitante ou duvidosa.

Agora chegamos ao poder de Jesus explicado em Mateus 28:18. A Grande Comissão é o clímax do Evangelho de Mateus. O mandato do discipulado, de Mateus 28:19 a 20a, está intercalado entre duas afirmações cristológicas já antecipadas por Mateus.

A primeira afirmação cristológica é a de que Jesus recebeu toda a autoridade em 28:18 . A segunda é que Jesus estará com os discípulos todos os dias enquanto eles obedecerem ao seu mandato até o fim dos tempos em 28:20b. A concessão de autoridade ou poder por Deus a Jesus ecoa Daniel 17:13 e 14, 18:22 e 27. Também antecipa o ensino de Paulo sobre a glória do Jesus exaltado em uma passagem como Efésios 1:20 a 23, Filipenses 2:6 a 11, Colossenses 1:15 a 20 e 1 Pedro 3:18 a 22. Há muitas semelhanças entre Mateus 28:18 e Daniel 7. Em Daniel 7, a autoridade do Filho do Homem passa dele para sua comunidade, e o mesmo ocorre em Mateus.

Jesus recebe autoridade assim como o Filho do Homem. A missão de Jesus para seus discípulos consiste em expressar seu domínio sobre todas as nações e todos os povos, assim como o do Filho do Homem. Mateus enfatizou repetidamente que Jesus é o Rei que tem autoridade para perdoar pecados e salvar seu povo.

Jesus agora demonstra essa autoridade por meio de palavras e ações. Hagner, com grande utilidade, ressalta que a ressurreição e a exaltação de Jesus resultam em uma espécie de transfiguração permanente. A glória que os discípulos viram brevemente na transfiguração é agora o modo permanente da vida de Jesus como o Filho do Homem exaltado.

Agora, passamos para o programa de Jesus em 28:19. É crucial notar que este versículo começa com "portanto". A questão é que Jesus, tendo sido exaltado, está agora em condições de enviar seus discípulos em missão.

A missão deles é possível porque Jesus é poderoso. Jesus já havia comissionado seus discípulos a levar a mensagem do reino somente a Israel em 10, 5 e 6, compare com 15:24, mas agora ele os ordena a levá-la a todas as nações, talvez ecoando a promessa de Deus a Abraão em Gênesis 12:3, de que seus descendentes seriam uma bênção para todas as nações. Alguns interpretam o termo "todas as nações" como "todos os gentios" e excluem os judeus dessa comissão, mas isso é um erro.

Sem dúvida, a prioridade recai sobre os gentios, mas a missão a eles é complementar à missão a Israel, não a substitui. A missão contínua a Israel é assumida em 10:23. Fica claro no livro de Atos que a prática da igreja apostólica era continuar a missão aos judeus.

Senhorio universal significa missão universal, afirmam Davies e Allison. A responsabilidade central dos discípulos é reproduzir-se, fazer mais discípulos. As outras atividades, como ir, batizar e ensinar, descrevem essencialmente como um discípulo é feito.

Um discípulo é literalmente alguém que segue um mestre itinerante, como os discípulos de Jesus fizeram. Mas agora Jesus está prestes a deixar este mundo, e o termo discípulo assume um significado mais metafórico. Agora, alguém segue Jesus ao compreender e obedecer aos seus ensinamentos.

Para que a mensagem de Jesus alcance todas as nações, os discípulos obviamente terão que ir até elas. O batismo será o primeiro passo dos novos discípulos, que iniciará a igreja. O batismo deles se distingue das lavagens rituais judaicas porque é um ato único, não algo repetido.

Difere do batismo de João porque é realizado com a fórmula triádica, que invoca o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Aqueles que são batizados precisarão ser ensinados a obedecer aos mandamentos de Jesus, 2820. Tudo isso implica o papel central da Igreja como principal agência de Deus para a missão.

Somente na igreja os discípulos podem ser batizados e ensinados a observar tudo o que Jesus ordenou. De acordo com o versículo 2820a, o mandato missionário também envolve ensinar novos discípulos a obedecer a tudo o que Jesus ordenou. Seria de se esperar que os principais discursos de Jesus e Mateus formassem o cerne desse ensinamento.

Walvard certamente erra em seu comentário de 1981 ao excluir a interpretação de Jesus da lei de Moisés do que é ensinado e ao restringir a palavra "ordens" ao novo mandamento de João 13. Isso é nada menos que uma interpretação bizarra. Visto que Jesus foi um mestre, de fato, o mestre supremo e definitivo da Torá, não é surpreendente que seus discípulos continuem nessa linha.

Este ensinamento não visa apenas transmitir informações, mas transformar vidas de um comportamento desobediente em um comportamento obediente, em consonância com 5:17-20 e 7:21-27. A Grande Comissão, que começou com o anúncio de Jesus de que havia recebido toda a autoridade em 28:18, agora conclui com a promessa de Jesus de estar com seus discípulos constantemente até o fim dos tempos, a promessa de sua presença em 2820b. As responsabilidades dos discípulos são realmente assustadoras, mas eles têm recursos incríveis. Eles precisarão beber profundamente do poder e da presença de Jesus se quiserem cumprir seu programa.

Jesus já foi chamado de Emanuel, a presença de Deus na terra, Deus conosco, 1:23. Compare com Isaías 7:14. Assim, a promessa que ele faz aqui de estar com os discípulos ecoa sua promessa de estar com eles no processo de disciplina em Mateus 18 e forma uma inclusio, isto é, uma espécie de fechamento de todo o Evangelho de Mateus em torno do tema da presença de Jesus. Pela concepção e nascimento virginal, ele se torna a presença de Deus na terra em 1:23, e pelo Espírito que ele envia à igreja, ele mantém sua presença com o povo de Deus enquanto eles cumprem seu programa até o fim dos tempos. O ministério de Jesus demonstrou a presença de Deus, pois o Espírito o capacitou a ser servo de Deus servindo com compaixão às ovelhas dispersas de Israel (9:36) e aos oprimidos por Satanás (12:17-29). Mas agora os discípulos experimentarão a presença de Jesus de uma nova maneira, evidentemente por meio do mesmo Espírito que o capacitou enquanto ministrava na terra.

Mesmo durante os tempos difíceis de disputa e disciplina, eles podem ter certeza de que a presença e a autoridade de Jesus guiarão suas decisões (18:18-20). Essa presença é permanente, durando até o fim dos tempos. A expressão "fim dos tempos" já foi usada anteriormente em 13:39-40, 13:49 e 24:3. Refere-se claramente ao tempo do julgamento escatológico na conclusão da ordem atual. Aqui fica claro que esta comissão não é meramente para os discípulos originais, mas para os discípulos dos discípulos dos discípulos, e assim por diante, perpetuamente, até o retorno de Jesus.

Durante todo esse tempo, não haverá um dia em que a presença de Jesus não esteja com seus discípulos, ocupados com seus negócios. Segundo Lucas e João, após a ressurreição, Jesus apareceu aos discípulos em Jerusalém. Lucas 24:13-53, Atos 1:11, João 20:19-21:23. É claro que Mateus não menciona essa aparição em Jerusalém, e talvez seja um pouco difícil esclarecer tudo isso em termos de harmonização dos Evangelhos.

Mas, de acordo com Mateus 28, e a ênfase de Mateus, é claro, está no encontro dos discípulos em sua Galileia natal para incumbi-los de uma missão que perdurará por toda a era. Eles o adoram quando o encontram lá, embora alguns ainda duvidem (14:31). O remédio para essa dúvida será encontrado na crescente compreensão dos discípulos sobre o poder e a presença de Jesus, verdades que delimitam as responsabilidades do programa missionário.

A repetição da palavra "todos" nesta passagem nos impressiona imediatamente. Jesus recebeu toda a autoridade. Discípulos devem ser feitos de todas as nações.

Os discípulos devem obedecer a tudo o que Jesus ordenou. E quarto, Jesus estará com os discípulos sempre, o que significa literalmente todos os dias. A universalidade do poder de Jesus e a perpetuidade de sua presença fornecem a dinâmica para o programa do mandato universal do discipulado.

Os discípulos só poderão discipular todas as nações se reconhecerem que Jesus recebeu toda a autoridade e que estará com eles todos os dias, até o fim. Os discípulos só poderão cumprir adequadamente suas responsabilidades atuais de missão universal se refletirem sobre o poder passado e a presença contínua de seu Senhor. A tarefa universal é assustadora, mas pode ser realizada graças ao poder e à presença de Jesus.

Vamos ser realistas por um momento. Quando pensamos na fraqueza do povo de Deus, em todos os erros que cometem e na inadequação de seus recursos, a ordem que Jesus nos dá de levar o evangelho a todas as nações e ensinar a todas as nações tudo o que Jesus ordenou parece algo impossível de ser cumprido. Quem é suficiente para essas coisas, como Paulo colocou em um contexto diferente? Mas, graças a Deus, somos suficientes para isso, não em nós mesmos, mas no poder de Jesus, a quem, como filho do homem de Daniel em 7.13 e seguintes, foi dada toda a autoridade.

E a sua presença conosco todos os dias, até o fim dos tempos, nos conforta e nos lembra que não estamos sozinhos. Ele está conosco. Portanto, se tivermos em mente o equipamento que temos, podemos vencer a batalha que nos foi designada.

Bem, vamos encerrar nossas gravações sobre Mateus com alguns comentários sobre a teologia que emerge da Grande Comissão. A história de Jesus em Mateus conclui com um breve capítulo, que descreve a ressurreição de Jesus, 28:1-10, o encobrimento perpetuado pelos líderes judeus, 28:11-15, e o mandato de Jesus para discipular todas as nações. O capítulo aborda a ressurreição e as aparições pós-ressurreição de forma bastante concisa, e enfatiza a oposição dos líderes judeus à ressurreição e ao mandato missionário do Messias exaltado.

Ambos os temas, o primeiro negativo e o segundo positivo, já são familiares ao leitor atento de Mateus. Talvez não haja melhor maneira de resumir a teologia de Mateus do que dar continuidade aos temas encontrados na Grande Comissão. O cenário da Comissão encontra os discípulos restaurados adorando Jesus, mas não de todo o coração.

Ao longo de seu Evangelho, Mateus apresentou a fraqueza dos discípulos. Mesmo assim, Jesus promete edificar sua igreja sobre os ministérios fundamentais deles. A lição que devemos aprender disso é que o poder de Deus pode superar nossas fraquezas.

Deus sempre pode nos usar, apesar de nós mesmos. Não somos diferentes dos discípulos naquela época. Mas, apesar disso, com o poder e a presença de Deus conosco por meio de Jesus e seu Espírito, podemos realizar a tarefa.

Outro lembrete é que a Comissão se baseia na cristologia, pois Jesus descreve sua autoridade real em termos retirados de Daniel 7.13 e seguintes. Aqui está a teologia do reino de Mateus em poucas palavras. Este reino tem elementos realizados e não realizados.

Jesus agora ressuscitou e foi exaltado, e aparece na Terra à direita de Deus. Assim, a presença do Reino foi inaugurada de forma ainda mais plena do que no ministério terreno anterior de Jesus. Mas os discípulos ainda precisam cumprir sua tarefa enquanto oram e anseiam pela plena manifestação do Reino na Terra.

O capítulo 19 de Mateus promete recompensas nesse sentido no final do capítulo. A Grande Comissão também se preocupa em fazer verdadeiros discípulos que obedeçam a Jesus, não apenas parasitas casuais que podem ouvir sua mensagem sem praticá-la. Lembre-se de que, em Mateus 7, Jesus falou dos falsos profetas, e falou daqueles que constroem suas casas na areia, por assim dizer, o que é uma imagem daqueles que ouvem sua palavra, mas não a obedecem.

Esse tema ecoa por todo o livro de Mateus, e aqui está no final. Os discípulos que serão feitos pelos discípulos serão, você sabe, aqueles que continuarão a fazer o que Jesus diz. Eles serão ensinados a obedecer a todos os seus mandamentos.

E esses discípulos devem ser feitos não apenas de Israel, mas também das nações, onde se encontrarão convertidos ávidos, como muitos na narrativa de Mateus. Aqui fica mais claro por que a narrativa de Mateus enfatizou as mulheres gentias na genealogia de Jesus, e por que os magos surgiram do nada para adorar Jesus, e por que o oficial romano no capítulo 8 tem essa fé notável, diferente de qualquer outra que Jesus tenha encontrado em Israel, e como a mulher cananeia em Mateus 15, de alguma forma, quase milagrosamente, parece saber quem é Jesus e acredita em seu poder, e como até mesmo os soldados romanos que crucificaram Jesus são forçados a admitir que, em certo sentido, Jesus era verdadeiramente o Filho de Deus. Todas essas e outras dicas que Mateus havia deixado em sua narrativa anteriormente, agora chegam ao ápice aqui em Mateus 28, versículo 18 em diante, onde a comissão enfatiza que o evangelho deve ser levado a todas as nações.

Se a igreja não acredita que todas as nações crerão no evangelho, então todas essas dicas que Mateus deu sobre a abertura de certos gentios a Jesus certamente farão com que esse mandato missionário seja algo que nos deixará mais entusiasmados em perseguir. Também notamos que a missão universal de Jesus tem implicações cósmicas. Ou seja, quando pessoas de todas as nações são discipuladas, uma nova humanidade começa a se formar, uma nova comunidade de crentes em Jesus que vai muito além das questões étnicas que nos dividem, o preto, o branco, o amarelo ou o que quer que seja, ou das distinções sociais que nos dividem, como Marx imaginou em sua luta entre a classe trabalhadora proletária versus os proprietários de terras burgueses, ou mesmo das dificuldades sexuais que enfrentamos hoje com o chauvinismo versus o feminismo, sem nenhuma maneira de conciliá-los.

A maneira pela qual todos seremos reconciliados como uma nova humanidade será à medida que aprendermos a seguir juntos todos os ensinamentos de Jesus. Dessa forma, a obediência ao mandato da missão acaba cumprindo, como subproduto, o mandato original da criação que Deus deu aos primeiros pais da humanidade no Jardim do Éden. Adão e Eva deveriam ser mordomos da Terra de Deus, e agora, por meio de Cristo, nós, como seus descendentes definitivos por nascimento natural e descendentes de Deus por nascimento espiritual, podemos começar a fazer isso acontecer, tendo em vista os novos céus e a nova terra definitivos.

À medida que os discípulos levarem a mensagem de Jesus a todas as nações e fizerem delas discípulos, eles experimentarão a presença fiel de Jesus, o Emanuel. Por meio do Espírito, Jesus lhes dirá o que dizer quando estiverem sob pressão de estranhos, como no capítulo 10, e estará no meio deles quando pedirem sabedoria para lidar com problemas internos, como no capítulo 18. Essa presença de Jesus só terminará quando a era terminar, com o seu retorno.

Naquele tempo, os inimigos dos discípulos serão julgados e seu serviço sacrificial será recompensado (Mateus 19:27 e seguintes). Isso não levará a nada além da regeneração do próprio mundo, e a obediência a Jesus, o Messias exaltado, não será mais parcial. A vontade de Deus finalmente será feita na Terra como no Céu.

Que Deus o abençoe enquanto você continua a servi-lo e a refletir sobre este grande livro, o Evangelho de Mateus. Sola Deo Gloria. Somente a Deus seja a glória.